

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE MEDICINA SOBRE OS EFEITOS COLATERAIS DO USO DE PSICOESTIMULANTES SINTÉTICOS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO DO NORDESTE BRASILEIRO

PERCEPTIONS OF MEDICAL STUDENTS REGARDING THE ADVERSE EFFECTS OF SYNTHETIC PSYCHOSTIMULANT USE AT AN EDUCATIONAL INSTITUTION IN NORTHEASTERN BRAZIL

Maria Fernanda Trigueiro Ramos

Acadêmica de medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife, PE.
Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 4861 - Imbiribeira, Recife - PE, 51150-000
nandaramos02@gmail.com | orcid.org/0009-0003-1868-2986

Letícia Da Veiga Pessoa Araújo

Acadêmica de medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife, PE.
Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 4861 - Imbiribeira, Recife - PE, 51150-000
leticiavpaaraujo@gmail.com | orcid.org/0009-0002-5735-8102

Maria Clara Da Veiga Pessoa Araújo

Acadêmica de medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife, PE.
Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 4861 - Imbiribeira, Recife - PE, 51150-000
mariaclaravpaaraujo@hotmail.com | orcid.org/0009-0002-4073-5194

Rebeca Cruz Jácome

Acadêmica de medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife, PE.
Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 4861 - Imbiribeira, Recife - PE, 51150-000
rebecacruz2010@hotmail.com | orcid.org/0009-0008-6160-6491

José Roberto da Silva Junior

Coordenador geral e docente colaborador do Programa de Pós-graduação stricto sensu em saúde Integral do IMIP.

Coordenador do Mestrado Profissional em educação para o ensino na área de saúde da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife, PE.

Graduação em Fisioterapia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Doutor em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP).

Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 4861 - Imbiribeira, Recife - PE, 51150-000
roberto.junior@fps.edu.br | orcid.org/0000-0003-3843-005X

Fabíola Coelho Nunes Marinho Falcão

Docente de Medicina na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife, PE.

Médica formada pela Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife, PE.

Especialização em Gestão em Saúde pelo Instituto de Ensino e Pesquisa Albert Einstein.

Mestrado Profissional em Educação para o ensino na Área de Saúde pela FPS.

Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 4861 - Imbiribeira, Recife - PE, 51150-000

fabiola.falcao@fps.edu.br | orcid.org/0000-0001-9030-0952

Apoio ao estudo: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC 2024/2025 – IMIP).

Recife, Setembro 2025

RESUMO

Introdução: os psicoestimulantes podem aprimorar o desempenho cognitivo, elevando o estado de alerta e concentração. Por essas características, muitos estudantes, sobretudo de medicina, recorrem ao uso indevido dessas substâncias. Embora já discutido em estudos nacionais e internacionais, ainda há lacunas sobre a percepção discente em relação aos efeitos colaterais associados. **Objetivo:** analisar as percepções dos estudantes de medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde acerca dos efeitos colaterais do uso de psicoestimulantes sintéticos. **Métodos:** estudo transversal realizado entre agosto de 2024 e setembro de 2025, mediante aplicação do questionário “Avaliação das percepções dos estudantes de medicina a respeito dos efeitos colaterais do uso de psicoestimulantes sintéticos” aos discentes do 1º ao 8º período. Os dados foram digitados em dupla entrada no Microsoft Excel. A análise contemplou frequências absolutas e relativas para variáveis qualitativas, além de medidas de posição e dispersão para quantitativas. **Resultados:** identificou-se que, dos 247 participantes, 13% já utilizaram psicoestimulantes, sendo 31,25% sem prescrição. Quanto aos efeitos colaterais, 49,4% declararam desconhecê-los. Os mais citados foram taquicardia (87,4%), insônia (80,2%), tremores (61,1%), nervosismo (60,3%) e cefaleia (53,8%). **Conclusão:** apesar da menor prevalência em comparação a outras pesquisas, há consumo relevante, associado a pressões acadêmicas e ao desconhecimento dos riscos. Ressalta-se a importância de ações educativas e de estudos multicêntricos para aprofundar a compreensão desse comportamento.

Palavras-chave: substâncias para melhoria do desempenho; estimulantes do Sistema Nervoso Central; estudantes de medicina.

ABSTRACT

Introduction: psychostimulants can enhance cognitive performance, elevating alertness and concentration. Due to these characteristics, many students, especially medical students, resort to the improper use of these substances. Although already discussed in national and international studies, there are still gaps regarding student perception of the associated adverse effects.

Objective: to analyze the perceptions of medical students at the Faculdade Pernambucana de Saúde concerning the side effects of synthetic psychostimulant use. **Methods:** a cross-sectional study was conducted between August 2024 and September 2025, through the application of the questionnaire “*Assessment of medical students’ perceptions regarding the side effects of synthetic psychostimulant use*” to students from the 1st to the 8th semesters. Data were double-entered into Microsoft Excel. The analysis included absolute and relative frequencies for qualitative variables, as well as measures of central tendency and dispersion for quantitative variables. **Results:** it was identified that, of the 247 participants, 13% had already used psychostimulants, with 31.25% doing so without prescription. Regarding side effects, 49.4% reported being unaware of them. The most frequently mentioned were tachycardia (87.4%), insomnia (80.2%), tremors (61.1%), nervousness (60.3%), and headache (53.8%). **Conclusion:** despite the lower prevalence compared to other studies, there is significant consumption, associated with academic pressures and a lack of knowledge of the risks. The importance of educational actions and multicentre studies to deepen the understanding of this behaviour is emphasized.

Keywords: performance-enhancing substances; central nervous system stimulants; medical students.

INTRODUÇÃO

Os estimulantes cerebrais, conhecidos como psicoestimulantes, são compostos que atuam no sistema nervoso central (SNC) e apresentam efeitos simpaticomiméticos. Tais efeitos ocorrem por meio de diferentes mecanismos, através da inibição da recaptação de dopamina e noradrenalina na fenda sináptica. Os psicoestimulantes contribuem para o aprimoramento do desempenho cognitivo, aumentando o estado de alerta e concentração, além de diminuir a necessidade de sono, reduzindo a sensação de fadiga. Essas substâncias são classificadas como estimulantes sintéticos, sendo representados pelas anfetaminas e taurinas, e orgânicos, como a cafeína e a guaranina.^{1,2}

Os estimulantes do SNC podem ser empregados no tratamento de doenças como Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e narcolepsia. Porém, por apresentarem funções como o aumento da concentração e da capacidade de memorização, bem como a aceleração do raciocínio e a diminuição do sono noturno, muitos estudantes, principalmente de medicina, fazem uso indevido dessas substâncias. Esse hábito vem aumentando nos últimos anos para o aprimoramento acadêmico, sendo conhecido como doping intelectual.^{3,4,5}

As principais substâncias sintéticas usadas para os fins cognitivos são: metilfenidato (MPH), lisdexanfetamina e modafinil. Entre essas substâncias, o MPH corresponde ao primeiro lugar em consumo no mundo e no Brasil, onde é comercializado com os nomes de Ritalina® e Concerta®. Em relação a dados internacionais, um estudo publicado em Porto Rico no ano de 2019, analisou que 47,4% da amostra já fez uso de neuroestimulante. Já um estudo realizado no sul do Brasil, publicado em 2016, mostrou o consumo, pelo menos uma vez na vida, por 20% dos alunos, enquanto outro estudo realizado em Minas Gerais, publicado em 2020, mostrou que 31,5% dos acadêmicos já utilizaram algum tipo de psicoestimulante.^{1,6,7}

O uso indiscriminado dessas drogas possui como fatores de risco: estudar e trabalhar em ambientes extremamente competitivos, períodos longos de avaliação, expectativas e incertezas quanto ao futuro profissional, além da sobrecarga de atividades. Dessa forma, devido à necessidade de se adequar a uma rotina diária que muitas vezes ultrapassa os limites corporais e psicológicos, a automedicação com MPH se torna cada vez mais frequente entre os estudantes de medicina.^{2,4,7,8}

Devido a sua capacidade de induzir modificações rápidas e eficazes nas sinapses envolvidas nas redes cognitivas, os estimulantes do SNC são atrativos para estudantes que buscam resultados imediatos nos estudos. Nesse sentido, a fim de aumentar rendimento acadêmico, capacidade de

concentração e memorização, esses medicamentos são escolhidos pelo aluno em detrimento da simples mudança na sua estratégia de aprendizagem.^{9,10}

O uso dos neuroestimulantes em grandes quantidades, de forma indiscriminada e sem fiscalização, pode ultrapassar os níveis ideais de dopamina e noradrenalina, e causar o efeito contrário, ou seja, desfocar a atenção, diminuir o efeito cognitivo, e causar hiperatividade. A curto prazo, podem provocar redução do apetite, insônia, cefaleia e dor abdominal, sendo a maioria desses autolimitados, dose dependente e de moderada intensidade. Os efeitos a longo prazo consistem em alterações cardiovasculares, como a elevação da pressão arterial, taquicardia, palpitações, arritmias, além do potencial risco de abuso e da dependência química dessa substância.^{1,7,10,11,12}

Além dos prejuízos físicos, a utilização dos neuroestimulantes está relacionada a problemas emocionais como ansiedade, depressão, medo, angústia, nervosismo e altos níveis de estresse. O uso contínuo e exagerado dessa substância predispõe ao consumo de outras drogas como a maconha, cocaína e álcool, que podem acarretar dependência química, alterações psicológicas e comportamentais. Nesse sentido, quando utilizados de forma inadequada, os psicoestimulantes representam grandes riscos ao usuário, configurando um problema de saúde atual.^{1,2}

Nesse contexto, mesmo com a abordagem desse tópico por estudos desenvolvidos no Brasil e no mundo, pouco ainda se discute a respeito do nível de percepção do estudante de medicina em relação aos malefícios e consequências do uso dos psicoestimulantes. Estudo realizado em Brasília, publicado em 2022, avaliou a relevância dos efeitos colaterais pelo uso de MPH e evidenciou que 61,2% dos participantes apresentaram efeitos colaterais, sendo 76,7% correspondente ao nervosismo e a ansiedade. Ainda, o mesmo estudo demonstrou que, apesar de haver preocupação frente aos eventos colaterais e ao desenvolvimento de dependência, a maioria dos estudantes acredita que os riscos são aceitáveis quando comparados aos benefícios obtidos para o uso acadêmico.³

Tendo em vista o cenário atual supracitado, o objetivo do presente estudo é fazer uma análise local sobre as percepções dos estudantes de medicina a respeito dos efeitos colaterais do uso de psicoestimulantes sintéticos, em especial para o corpo discente do curso de medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS). Assim, será possível analisar o quanto os estudantes sabem sobre os potenciais efeitos provocados pelo uso de drogas psicoestimulantes, e deste impacto na saúde do indivíduo.

MÉTODOS

Foi realizado um estudo tipo corte transversal na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), entre agosto de 2024 e setembro de 2025, com estudantes de medicina do 1º ao 8º período, selecionados por conveniência. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade Pernambucana de Saúde com o CAAE: 84183124.5.0000.5569 e Número do Parecer: 7.278.997.

O cálculo do tamanho da amostra foi realizado considerando-se o total de 768 estudantes matriculados nos períodos analisados. Utilizou-se como parâmetro a prevalência de 23,72% de uso indiscriminado de psicoestimulantes entre estudantes de medicina, identificada em estudo anterior realizado no Rio de Janeiro¹³. Adotou-se margem de erro de 5% e nível de confiança de 95%, o que resultou em uma amostra mínima de 202 participantes. Acrescentando-se 20% para compensar eventuais perdas, o número final estimado foi de 242. No presente estudo, participaram efetivamente 247 estudantes.

Foram incluídos maiores de 18 anos, regularmente matriculados no curso de medicina do 1º ao 8º período em 2024.2 e/ou 2025.1. Foram excluídos aqueles afastados por licença médica, férias ou outros motivos de ausência.

Aos estudantes selecionados foram explicados os objetivos, benefícios e riscos da pesquisa e apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Após isso, foram aplicados dois questionários, sendo um deles para avaliar as variáveis sociodemográficas do grupo e o segundo para avaliar as percepções dos estudantes de medicina a respeito dos efeitos colaterais do uso de psicoestimulantes sintéticos. As perguntas desses questionários foram desenvolvidas com base em outros estudos sobre o tema, que continham questionários próprios.^{3,13,14}

Foi realizada uma análise de variáveis para avaliação das percepções dos estudantes de medicina sobre o uso e efeitos colaterais dos psicoestimulantes sintéticos, as alternativas avaliativas se classificam como categóricas nominais com questões policotômicas e dicotômicas. Ademais, também foi analisada as variáveis sociodemográficas na qual foi levado em consideração as seguintes características: (1) Idade: variável numérica discreta, determinada pelos anos de vida desde o nascimento do participante até o momento da coleta da informação; (2) Sexo: variável categórica dicotômica; (3) Raça/cor: variável categórica policotômica, relacionada à autodeclaração do participante enquanto pertencente a um grupo demográfico de pessoas que compartilham do mesmo fenótipo racial; (4) Graduação prévia: variável categórica dicotômica (sim

ou não), relacionada ao histórico referido do estudante em ter concluído curso de nível superior;

(5) Período do curso: variável numérica discreta, determinada pelo período do estudante, no momento da coleta da pesquisa.

As informações coletadas, através dos questionários, foram inseridas no banco de dados em planilha eletrônica através do Microsoft Excel pelos pesquisadores em dupla entrada por digitadores diferentes. Posteriormente, foram realizadas revisão e limpeza do banco de dados pelo pesquisador principal para correção de possíveis inconsistências, seguido de comparação e validação dos bancos para a criação de uma versão definitiva para análise.

A análise estatística envolveu o uso de tabelas de frequência com frequências absolutas (contagens) e relativas (porcentagens) para as variáveis qualitativas. Para as variáveis quantitativas foram calculadas medidas de posição como a média e a mediana, e medidas de dispersão, incluindo o desvio padrão, além dos valores mínimo e máximo.

RESULTADOS

Dos 242 estudantes calculados para tamanho da amostra, 247 foram envolvidos, correspondendo a mais de 100% da amostra necessária.

Quanto às características de base, a idade dos estudantes varia entre 18 e 42 anos, com mediana de 21 anos. A maioria dos participantes são do sexo feminino (63,1%), e em relação à etnia, majoritária parte do grupo autodeclara-se como branca, representado por 76,5% da amostra, 19,8% como parda, sendo os 3,7% restantes compostos pelas populações preta, amarela e indígena (evidencia-se a sua predominância nessa respectiva ordem). Em relação à graduação prévia, 24 (9,9%) participantes referiram essa condição (Tabela 1).

Sobre o uso de psicoestimulantes sintéticos, 215 estudantes (87%) nunca utilizaram e 32 (13%) já o fizeram. Do total de participantes, 6,9% fizeram uso de metilfenidato, seguido por lisdexanfetamina (3,3%) e outros (1,6%). Além disso, 0,8% utilizaram mais de um psicoestimulante sintético (Tabela 2). Entre os que nunca usaram, 41 (19,1%) já tiveram intenção de usar, enquanto 174 (80,9%) nunca manifestaram interesse.

Em relação à distribuição do uso de psicoestimulantes entre os diferentes anos da graduação, evidencia-se maior prevalência no 4º ano, com 40,63% dos casos relatados. Em seguida, o 1º ano concentrou 31,25% dos estudantes que referiram consumo. Os menores índices foram registrados no 2º e no 3º ano do curso, com 15,63% e 12,5%, respectivamente (Figura 1).

A respeito da presença de prescrição médica para o uso de psicoestimulantes, 22 estudantes, que correspondem a 68,75% da amostra que já fez uso, possuíam prescrição médica, enquanto 10 participantes, que equivale a 31,25% dos usuários, fizeram uso de forma não prescrita (Tabela 2).

De acordo com a percepção dos estudantes em relação à frequência do uso de psicoestimulantes, 224 (90,7%) deles só acham válido o uso em situação prescrita e 23 (9,3%) concordam que pode ser utilizado em casos pontuais sem causar muitos problemas.

Quanto à motivação para o uso não prescrito de psicoestimulantes por estudantes de medicina, 202 (81,8%) participantes atribuem ao aumento de concentração, 182 (73,7%) à manutenção da vigília, 159 (64,4%) estudantes relacionam ao aumento do rendimento acadêmico, 119 (48,2%) à realização de maior número de atividades e 77 (31,2%) à melhor memorização. Motivações menos frequentes incluíram curiosidade (11,7%) e outros fatores (1,2%) (Tabela 2).

Sobre os efeitos colaterais relativos a essas substâncias, 125 (50,6%) estudantes afirmaram conhecê-los e 122 (49,4%) não conhecem. Entre os que já utilizaram psicoestimulantes, 75% tinham conhecimento dos efeitos colaterais previamente ao consumo, ao passo que 25% desconheciam. Dos 32 usuários, 16 relataram ter apresentado efeitos colaterais e 16 não tiveram. Dentre os que sofreram efeitos colaterais, 11 deles continuaram a usar, 1 interrompeu o uso, 2 reduziram o uso e 2 substituíram o medicamento por outro.

Em relação aos efeitos colaterais atribuídos ao uso de psicoestimulantes, os estudantes relataram, com maior frequência, taquicardia (87,4%), insônia (80,2%), tremores (61,1%), nervosismo (60,3%), e cefaleia (53,8%). Também foram mencionados boca seca (41,3%), perda de apetite (41,3%), náusea (32,4%) e cansaço (21,9%). Outros efeitos, de menor prevalência, foram citados por 4,5% da amostra (Figura 2).

De acordo com a percepção dos estudantes sobre os benefícios do uso de psicoestimulantes se sobreporem aos efeitos colaterais de utilizá-los, 91 (37,1%) estudantes concordam e 154 (62,9%) discordam. Além disso, 115 participantes (46,6%) da amostra acham que os estudantes de medicina sabem dos riscos ao utilizar os psicoestimulantes, já 132 (53,4%) estudantes acreditam que eles desconhecem.

Os principais riscos atribuídos ao uso dessas substâncias foram dependência, relatada por 78,5% dos participantes, ansiedade, mencionada por 70,9%, complicações cardiovasculares, apontadas por 64%, e depressão, relatada por 28,3% dos estudantes. Outros riscos foram mencionados por 9 participantes (3,6%) (Tabela 2).

Por fim, 179 estudantes (72,5%) consideraram que os benefícios do uso de psicoestimulantes não superam os riscos, enquanto 68 (27,5%) acreditaram que os benefícios se sobrepõem aos riscos.

Tabela 1. Distribuição de frequência dos participantes do estudo segundo variáveis sociodemográficas - Recife, 2024-2025

CARACTERÍSTICAS	n	%
Idade		
Entre 18 e 22	157	64,1%
Entre 23 e 27	69	28,2%
Entre 28 e 32	4	1,6%
Entre 33 e 37	9	3,7%
Entre 38 e 42	6	2,4%
Raça/cor		
Branca	186	76,5%
Preta	7	2,9%
Amarela	1	0,4%
Parda	48	19,8%
Indígena	1	0,4%
Sexo		
Feminino	154	63,1%
Masculino	90	36,9%
Graduação prévia		
Sim	24	9,9%

Não	219	90,1%
-----	-----	-------

Fonte: Elaborado pelos autores

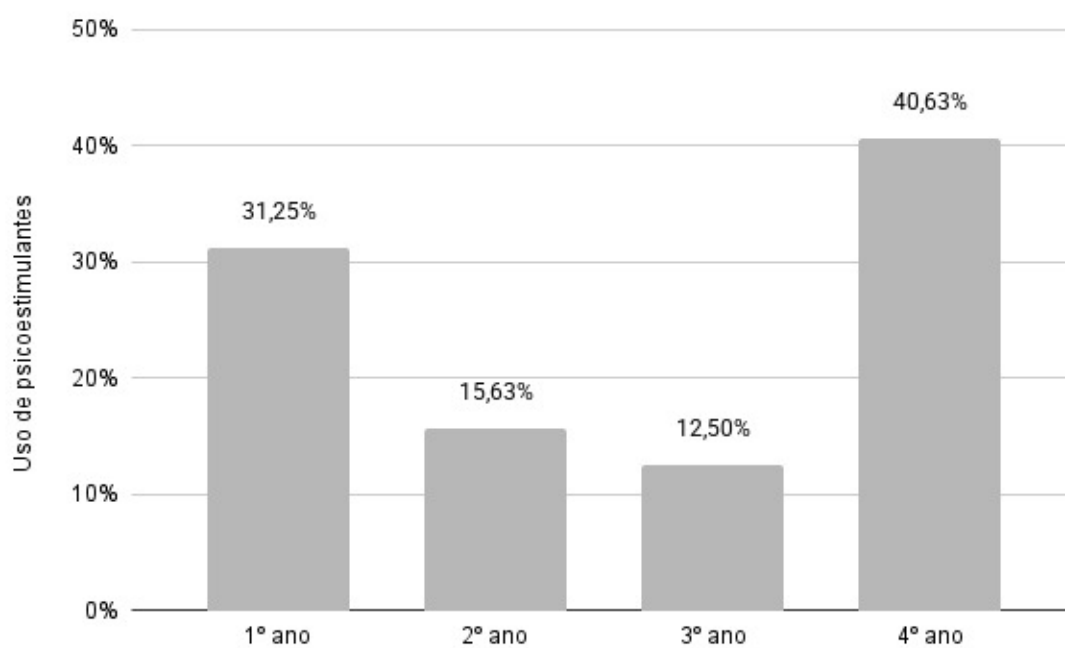
Tabela 2. Perfil do uso de psicoestimulantes sintéticos, Recife 2024-2025

Uso de psicoestimulantes	n	%
Nunca fez uso	215	87,0%
Já fez uso	32	13,0%
Metilfenidato	17	6,9%
Lisdexanfetamina	8	3,3%
Modafinil	0	0,0%
Outros	4	1,6%
Fez uso de mais de um	2	0,8%
Fez uso sob prescrição médica	22	8,9%
Fez uso sem prescrição médica	10	4,1%
Motivação	n	%
Aumentar concentração	202	81,8%
Manter acordado	182	73,7%
Melhorar rendimento acadêmico	159	64,4%
Realizar mais atividades	119	48,2%
Melhorar memorização	77	31,2%
Curiosidade	29	11,7%
Outros	3	1,2%
Riscos	n	%

Dependência	194	78,5%
Ansiedade	175	70,9%
Complicações cardiovasculares	158	64,0%
Depressão	70	28,3%
Outros	9	3,6%

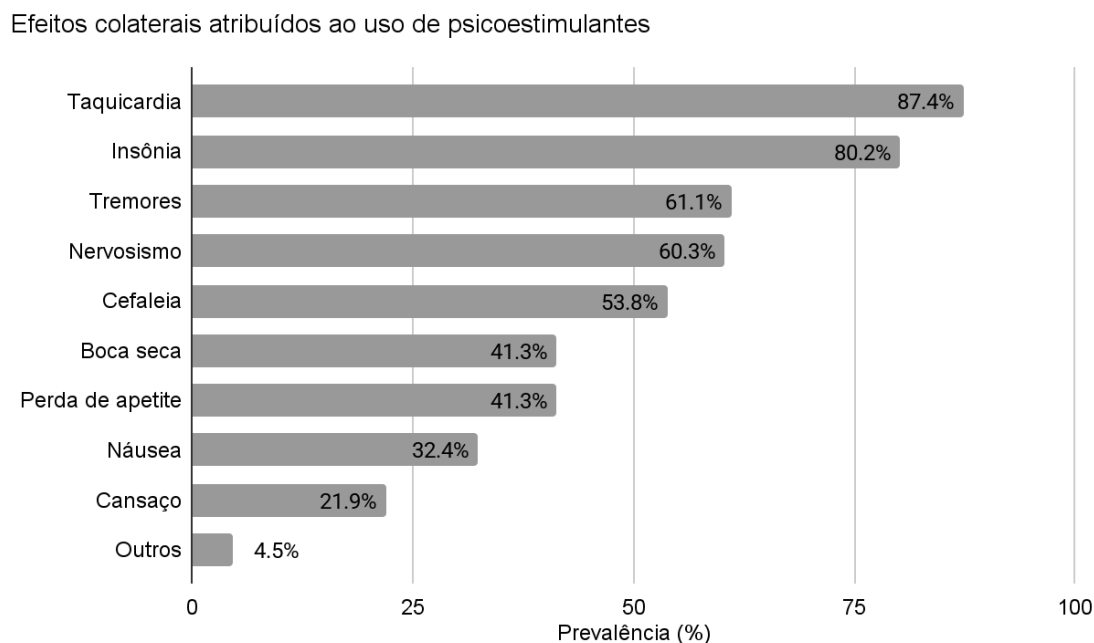
Fonte: Elaborado pelos autores

Figura 1. Distribuição da frequência do uso de psicoestimulantes sintéticos segundo o ano da graduação



Fonte: Elaborado pelos autores

Figura 2. Frequência dos efeitos colaterais atribuídos ao uso de psicoestimulantes



Fonte: Elaborado pelos autores

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar as percepções dos estudantes de medicina acerca dos efeitos colaterais decorrentes do uso de psicoestimulantes sintéticos, com foco no corpo discente do curso de medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS). Os resultados foram significativos e demonstraram que aproximadamente 50,6% dos participantes relataram possuir conhecimento sobre os efeitos colaterais associados a essas drogas.

No que se refere ao consumo dessas substâncias entre os discentes, apenas 32 estudantes declararam já ter utilizado psicoestimulantes sintéticos, correspondendo a 13% da amostra analisada. Em contrapartida, um estudo realizado em Minas Gerais, em 2020, identificou prevalência de 31,5% entre acadêmicos de medicina, enquanto uma pesquisa conduzida em Porto Rico, em 2019, registrou prevalência de 47,4% entre os participantes ^{6,7}. Dessa forma, observa-se que, embora a prevalência encontrada no presente estudo seja inferior à reportada em outras localidades, trata-se de um dado relevante do ponto de vista epidemiológico. Tal discrepância pode estar relacionada, em parte, ao fato desta pesquisa não ter incluído estudantes dos dois anos finais do curso, período em que há maior pressão acadêmica decorrente das longas horas de prática hospitalar e da preparação para a conclusão da graduação.

Em relação à prevalência do uso de psicoestimulantes entre os anos de curso analisados neste estudo, observou-se que o quarto ano apresentou o maior índice de estudantes que já utilizaram psicoestimulantes sintéticos, correspondendo a 40,63% da amostra. Esse padrão encontra-se paralelo a pesquisas brasileiras que apontam para um aumento do uso dessas substâncias à medida que os estudantes avançam no curso de medicina. Por exemplo, um estudo longitudinal com acadêmicos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) mostrou que a proporção de estudantes que começaram a usar psicoestimulantes durante a graduação cresceu ao longo dos anos, passando de 25% no primeiro ano para 38% no quarto ano.¹⁵

Quanto à validade do uso de psicoestimulantes, apesar de 90,7% do total da amostra concordar com o consumo exclusivamente sob prescrição, observa-se que 31,25% dos estudantes que relataram o uso de neuroestimulantes o fizeram de forma não prescrita. Tal discrepância evidencia que a postura crítica frente ao uso indiscriminado dessas substâncias não se reflete integralmente na prática dos estudantes. Corroborando com esse achado, estudo realizado em uma faculdade de Juiz de Fora, em 2020, demonstrou que, entre os 31,5% dos estudantes que declararam utilizar algum psicoestimulante, 62,7% não apresentaram diagnóstico de TDAH, configurando uso sem prescrição médica adequada.¹⁶

Além disso, esta pesquisa indica que as principais motivações relatadas pelos estudantes para o consumo dessas substâncias incluem o aumento da concentração (81,8%), a manutenção da vigília (73,7%) e o aprimoramento do rendimento acadêmico (64,4%). Tais justificativas são coerentes com os fundamentos do estudo realizado na Universidade da Pensilvânia, que aponta a crescente instrumentalização dos psicoestimulantes como supostos "facilitadores cognitivos" em ambientes competitivos. Essa pesquisa corrobora com o presente estudo, mostrando que, em geral, o uso de drogas estimulantes está atrelado à expectativa de seu efeito de concentração e foco, tão necessário e estimado por estudantes de graduação. Outra motivação relatada pelos participantes foi a curiosidade (11,7%), sugerindo que, além da pressão por desempenho, fatores individuais e sociais podem influenciar o início do uso.¹⁷

Entretanto, evidências científicas indicam que tais percepções não necessariamente se traduzem em efetivos ganhos de desempenho. Um estudo transversal realizado com estudantes de medicina em diferentes cidades da Turquia concluiu que o uso não prescrito de psicoestimulantes não gerou impacto significativo no rendimento acadêmico, tanto em indicadores objetivos, como o coeficiente de rendimento, quanto em medidas subjetivas, como o autorrelato. Esse contraste

sugere que, apesar da crença na eficácia dessas substâncias, seus efeitos sobre o desempenho acadêmico podem ser limitados ou mesmo inexistentes quando usadas sem indicação.¹⁸

No presente estudo, embora 62,9% do total da amostra tenham concordado que os benefícios do uso de psicoestimulantes não sobrepõem os seus efeitos colaterais, entre aqueles que já utilizaram tais substâncias, 75% afirmaram conhecer os efeitos colaterais, mas ainda assim optaram pelo consumo. Tal resultado sugere que, mesmo diante da consciência dos efeitos, parte dos estudantes, sendo a maioria composta pelos usuários, consideram que os potenciais benefícios justificam a exposição aos efeitos negativos dos psicoestimulantes.

Ainda assim, nota-se uma lacuna significativa na disseminação de informações sobre o uso seguro e racional de psicoestimulantes, uma vez que 49,4% da amostra e 25% dos estudantes que relataram já ter utilizado essas substâncias afirmaram desconhecer seus efeitos colaterais. Tal cenário reforça a necessidade de trabalhar tais tópicos entre os estudantes de graduação, construindo uma educação continuada sobre o assunto e diminuindo os possíveis malefícios atribuídos a essas substâncias.

Entre os efeitos colaterais mais frequentemente citados pelos participantes, destacam-se taquicardia (87,4%), insônia (80,2%), tremores (61,1%) e nervosismo (60,3%), sintomas amplamente descritos na literatura como consequências do uso inadequado de estimulantes, a exemplo do metilfenidato e lisdexanfetamina. O fato de 68,75% da amostra que sofreu os efeitos colaterais dos psicoestimulantes persistirem usando-os, reforça a banalização dos riscos e a possível dependência psicológica associada ao consumo continuado. Esse percentual supera os valores descritos em estudos conduzidos em universidades de Santa Catarina e São Paulo, nos quais 16,3% e 33,3% dos participantes, respectivamente, relataram manter o uso dos fármacos, apesar dos efeitos indesejáveis.^{14, 19, 20}

Em relação aos riscos associados ao uso de psicoestimulantes sintéticos, 53,4% da amostra declarou desconhecê-los. Entre os riscos mais reconhecidos, os participantes indicaram dependência (78,5%), seguida de ansiedade (70,9%), efeitos cardiovasculares (64%) e depressão (28,3%). Esses achados estão em consonância com estudo realizado em uma instituição de ensino superior na Amazônia², que aponta a associação do uso de psicoestimulantes a problemas emocionais, como ansiedade e depressão. Contudo, a literatura brasileira ainda é escassa quanto aos riscos dessas substâncias, reforçando a necessidade de novos estudos que analisem de forma mais abrangente os riscos, especialmente quando o uso ocorre de maneira indiscriminada.

Apesar dos resultados positivos, é importante considerar algumas limitações do estudo. A amostra incluiu apenas estudantes dos quatro primeiros anos do curso, o que impossibilitou a análise comparativa com os dois anos finais, nos quais a prevalência do uso de psicoestimulantes poderia ser diferente visto que pela literatura há relato de aumento de uso correlacionando a períodos maiores na graduação¹⁵. Além disso, o presente estudo engloba uma única instituição de ensino do Nordeste brasileiro, o que torna a amostra um pequeno número em relação à prevalência no país. Outro aspecto relevante diz respeito ao estigma associado ao consumo dessas substâncias, que pode ter levado alguns participantes a não assumirem o uso, especialmente quando realizado de forma indiscriminada. Tais fatores devem ser levados em conta na interpretação dos achados e indicam a necessidade de investigações futuras mais abrangentes.

Para avançar nos estudos sobre o padrão do uso indiscriminado de psicoestimulantes sintéticos entre estudantes de medicina, é recomendável a realização de estudos multicêntricos, com amostras mais amplas e representativas, que avaliem o comportamento acerca do consumo ao longo da graduação e que permitam compreender melhor a magnitude do fenômeno no Brasil. Por fim, os resultados desta pesquisa contribuem para mobilizar as instituições de ensino superior a desenvolverem estratégias de prevenção e promoção da saúde, que contemplem não apenas a transmissão de informações, mas também a construção de uma consciência crítica sobre os impactos físicos e emocionais do uso indiscriminado de tais substâncias.

CONCLUSÕES

O presente estudo evidenciou que, embora a prevalência de uso de psicoestimulantes entre os discentes de medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde tenha sido inferior à reportada em outros contextos nacionais e internacionais, o consumo dessas substâncias ainda representa um fenômeno relevante sob a perspectiva epidemiológica e educacional.

Observou-se que o uso dessas substâncias, frequentemente motivado por demandas acadêmicas e pressões por desempenho, persiste mesmo entre estudantes que conhecem os efeitos colaterais, sugerindo uma minimização dos riscos envolvidos. Ademais, a falta de conhecimento sobre os efeitos colaterais por parte de parcela significativa dos estudantes reforça a existência de lacunas informacionais, além de apontar para a necessidade de ações educativas e pesquisas voltadas para o uso racional de psicoestimulantes na graduação em medicina.

Entretanto, a limitação da amostra à fase final do curso e a restrição geográfica do estudo indicam a importância de futuras investigações multicêntricas e longitudinais, capazes de aprofundar a compreensão dos determinantes individuais, institucionais e culturais relacionados a esse comportamento.

REFERÊNCIAS

1. Morgan HL, Petry AF, Licks PA, Ballester AO, Teixeira KN, Dumith SC. Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos. Rev bras educ med [Internet]. 2017 [acesso em 2025 set 15]; 41(1):102–9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1RB20160035>
2. Zandoná I, Silva AC, Cavatti MM, Aguiar JV, Andrade KT, Soares CF, et al. Uso de psicoestimulante por acadêmicos de medicina em instituição de ensino superior na Amazônia Ocidental. REAS [Internet]. 2020 [acesso em 2025 set 15]; (48):e3476. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e3476.2020>
3. Meiners MM, Barbosa BA, Santana MG, Gerlack LF, Galato D. Percepções e uso do metilfenidato entre universitários da área da saúde em Ceilândia, DF, Brasil. Interface (Botucatu) [Internet]. 2022 [acesso em 2025 set 15]; 26:e210619. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.210619>
4. Teter CJ, McCabe SE, LaGrange K, Cranford JA, Boyd CJ. Illicit use of specific prescription stimulants among college students: prevalence, motives, and routes of administration. Pharmacotherapy: The Journal of Human Pharmacology and Drug Therapy [Internet]. 2012 [access in 2025 sep 15]; 26:1501-10. Available from: <https://doi.org/10.1592/phco.26.10.1501>
5. Affonso R, Lima K, Oyama Y, Deuner M, Garcia D, Barboza L, França T. O uso indiscriminado do cloridrato de metilfenidato como estimulante por estudantes da área da saúde da faculdade anhanguera de Brasília (FAB). Infarma - Ciências Farmacêuticas [Internet]. 2016 [acesso em 2025 set 17]; 28(3): 166-172. Disponível em: <https://doi.org/10.14450/2318-9312.v28.e3.a2016.pp166-172>
6. Acosta DL, Fair CN, Gonzalez CM, Iglesias M, Maldonado N, Schenkman N, et al. Nonmedical use of d-Amphetamines and Methylphenidate in Medical Students. P R Health Sci J [Internet]. 2019 [access in 2025 sep 15]; 38(3), 185–188. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31536633/>

7. Teixeira AB, Lôbo BR, Paiva GP, Carvalho JO, Lemos LB, Fuhr LN. Uso de psicoestimulantes por estudantes de medicina em uma faculdade particular de Juiz de Fora - MG. REAC [Internet]. 2020 [acesso em 2025 set 17]; 12:e3599. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reac.e3599.2020>
8. Gonçalves CS, Rosa P. “Smart Drugs?”: Mapping the controversies on the use of Ritalin® for cognitive enhancement. Psicol. Conoc. Soc [Internet]. 2018 [access in 2025 sep 17]; 8(2):53-67. Available from: <https://doi.org/10.26864/pcs.v8.n2.5>
9. Trigueiro, ES. Adolescentes, o aprimoramento cognitivo farmacológico e o acesso ao ensino superior [tese na internet]. São Paulo: Instituto de Psicologia; 2017 [acesso em 2025 set 20]. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.47.2017.tde-13122017-085844>
10. Silva DS Jr, Costa KS, Silva DS, Teles FD, Marcolino MM, Schneid JL. Prevalência do uso de metilfenidato entre acadêmicos de medicina do centro universitário UNIRG – Tocantins. Rev. Cereus [Internet]. 2016 [acesso em 2025 set 20]; 8(3):172-188. Disponível em: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/1262>
11. Paiva GP, Galheira AF, Borges MT. Psicoestimulantes na vida acadêmica: efeitos adversos do uso indiscriminado. Arch Health Invest [Internet]. 2019 [acesso em 2025 set 17]; 8(11). Disponível em: <https://doi.org/10.21270/archi.v8i11.4660>
12. Cândido GS, Teixeira JP, Príncipe LG, Terto MV, Roque VM, Lima VS, et al. Uso de estimulantes do sistema nervoso central por estudantes de saúde do sertão de Pernambuco. Rev. Enferm. Atual In Derme [Internet]. 2021 [acesso em 2025 set 17]; 95(36):e-021141. Disponível em: <https://doi.org/10.31011/raid-2021-v.95-n.36-art.1101>
13. Carneiro SG, Prado AS, Araujo EC, Moura HC, Strapasson JF, Rabelo NF, et al. O uso não prescrito de metilfenidato entre acadêmicos de medicina. CadUniFOA [Internet]. 2013 [acesso em 2025 set 15]; 8(Esp.):53-9. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/cadernos/article/view/87>

14. Nasário BR, Matos MP. Uso não prescrito de metilfenidato e desempenho acadêmico de estudantes de medicina. *Psicol cienc prof* [Internet]. 2022 [acesso em 2025 set 20]; 42:e235853. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003235853>
15. Júnior RC, Meneghini KF, Demenech LM, Morgan HL, Petry AF, Dumith SC. Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: resultados de um estudo de painel. *Sci Med* [Internet]. 2021 [acesso em 2025 set 20]; 31(1):e38886. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-6108.2021.1.38886>
16. Teixeira AB, Lôbo BR, Paiva GP, Carvalho JO, Lemos LB, Fuhr LN, et al. Uso de psicoestimulantes por estudantes de medicina em uma faculdade particular de Juiz de Fora - MG. *REAC* [Internet]. 2020 [acesso em 2025 set 15]; 12:e3599. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reac.e3599.2020>
17. Smith ME, Farah MJ. Are prescription stimulants "smart pills"? The epidemiology and cognitive neuroscience of prescription stimulant use by normal healthy individuals. *Psychol Bull* [Internet]. 2011 [access in 2025 sep 15]; 137(5):717-41. Available from: <https://doi.org/10.1037/a0023825>
18. Sümbül SB, Bektay MY, Bildik Ö. Non-medical use of prescription psychostimulants and academic performance in medical students. *Clin Exp Health Sci* [Internet]. 2024 [access in 2025 sep 20]; 14(1):54-9. Available from: <https://doi.org/10.33808/clinexphealthsci.1153624>
19. Volkow ND, Fowler JS, Wang GJ, Swanson JM. Dopamine in drug abuse and addiction: results from imaging studies and treatment implications. *Mol Psychiatry* [Internet]. 2004 [access in 2025 sep 17]; 9(6):557-69. Available from: <https://doi.org/10.1038/sj.mp.4001507>
20. Silva AG, Bueno JR. Apresentação. *Debates em Psiquiatria* [Internet]. 2017 [acesso em 2025 set 20]; 7(6):3. Disponível em: <https://doi.org/10.25118/2236-918X-7-6-a>